

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

Orquestra do Teatro Nacional de Brasília

REGENTE TITULAR:
MAESTRO EMÍLIO DE CÉSAR

TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA
TEMPORADA 1984

GDF - 1ª EQUIPE A SERVIÇO DA COMUNIDADE

JOSÉ ORNELLAS DE SOUZA FILHO
Governador do Distrito Federal

EURIDES BRITO DA SILVA
Secretária de Educação e Cultura

CARLOS FERNANDO MATHIAS DE SOUZA
Diretor Executivo da Fundação Cultural do DF

Promoção:
FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

co-patrocínio:

 **BANCO DO BRASIL**

 **BANCO REGIONAL
DE BRASÍLIA S.A.**

ESCOLA DE MÚSICA DE BRASÍLIA FEDF
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Solicita-se, respeitosamente, ao público não fotografar e não transitar dentro da Sala de Espetáculo, durante as execuções.

PROGRAMA

L. VAN BEETHOVEN Coriolano, Abertura, op. 62
RADAMÉS GNATTALI Concerto para quarteto de cordas e orquestra

Allegro

Adagio — Intermezzo: allegretto ritmico

Vivo

Solo: QUARTETO DE CORDAS DA UnB

Moysés Mandel — violino

Valeska Hadelich — violino

J. Georg Scheuermann — viola

A. Guerra Vicente — violoncelo

Intervalo

HEITOR VILLA-LOBOS Erosão (Sorimao U Ipirungaua) — poema sinfônico

IGOR STRAVINSKY Circus Polka

F. MENDELSSOHN Meeresstille und Glückliche Fahrt, op. 27

Regente Convidado: SÉRGIO MAGNANI

Teatro Nacional de Brasília

Sala Martins Penna

Dia 22/agosto/1984

21:00 horas

AS OBRAS

Abertura Coriolano

Márcio Coriolano foi um herói lendário dos começos da República Romana (1ª metade do séc. V a.C.). Segundo a tradição, conquistou Corioli, mas opõe-se a que se distribuísse trigo à plebe esfomeada de Roma, pelo que teve de retirar-se para Antium. Depois, à frente do exército volso, ameaça Roma em 491, mas retira-se do cerco a pedido de sua mãe Ventúria e de sua mulher Volúmnia, o que lhe causou a morte. Os historiadores modernos duvidam se ele foi o fundador ou o conquistador de Corioli, se romano ou volso. A sua figura é típica desta fase das lutas de Roma com os Volscos e da oposição oferecida pelos patrícios à ascensão dos tribunos. Sobre este herói, e seguindo de perto a biografia por Plutarco, Shakespeare compôs uma das suas tragédias de tema romano, *Coriolanus*, em 5 atos, em prosa e verso; de resto, entre os séculos XVI e XIX, o tema foi explorado, quer no teatro dramático quer no lírico, mais de uma dúzia de vezes. Mas, além da obra-prima de Shakespeare, apenas se salvou do esquecimento a tragédia do austríaco H. J. von Collin (1804), por Beethoven, que compôs, em 1807, uma introdução orquestral, em dó menor, opus 62, cujos dois temas fundamentais representam o orgulho e a ambição em luta com os afetos familiares.

A abertura compõe-se de um único andamento sem introdução. Abre-se com as cordas, em uníssono, seguidas por um acorde subitamente atacado por toda a orquestra. Depois de uma dupla repetição e de mais dois acordes, o tema principal é anunciado, caracterizando a personalidade heróica de Coriolano e o espírito inquieto de que era possuído. Dado pelos violinos e violas e, depois de um desenvolvimento relativamente curto, seguido por um belíssimo segundo tema, que descreve sentimentos mais ternos e suaves. Mais tarde aparece um terceiro tema que é uma fuga, nos violinos, acompanhada em arpejos pelas violas e pelos violoncelos, cujo desenvolvimento encerra a primeira parte da Abertura. A segunda consiste na repetição da mesma matéria, acrescida de algumas variações. Seu desenvolvimento leva a uma **Coda** intensamente apaixonada e dramática que descreve a morte de Coriolano. Dificilmente haverá um mais impressionante desfecho do que o desta peça, com a sua fragmentária alusão ao tema inicial, com sua gradativa agonia e, por fim, aquelas três notas suaves que são evidentemente as últimas pulsações do herói agonizante.

Concerto para quarteto de cordas e orquestra

Radamés Gnattali (Porto Alegre, 1906) considera-se um músico neo-clássico nacionalista. Essa autodefinição já bastaria para explicar a linha de seu trabalho, todo ele pontuado de um regionalismo que nunca se vergou aos modismos impostos pela cultura estrangeira, a não ser uma natural tendência para o uso de elementos do jazz. Suas sinfonias e concertos falam dessa insubmissão. O tempo cristalizou um processo de criação muito especial de um compositor que se confessa incapaz de reescrever um compasso, já que suas idéias vêm monoliticamente acabadas. -- "Eu disse à minha filha outro dia, que deve haver um gatilho que desencadeia essa coisa de música na minha cabeça, mas que eu ainda não descobri".

Também se deve mencionar que todo o seu talento foi beneficiado por uma passagem histórica pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde liderou uma equipe de grandes maestros e instrumentistas e captou, com sua agudíssima sensibilidade, todo um momento histórico que marcaria indelevelmente a própria essência da música brasileira, consubstanciada no período 1940/50. Sua aversão a rótulos não lhe permitiu aderir ao dodecafonismo — porque sua visão polfítica da música lhe abriu um leque de opções bem maior. Resultou que Radamés acabou sendo mesmo um movimento e uma escola, sem disso se aperceber.

No trato das orquestrações que por ofício fazia em quantidades, percebeu que, à maneira do jazz, havia tipicidades na música brasileira até então inexploradas no campo em que atuava. O gênio de Villa-Lobos, que ele reconhece enfaticamente, estava dirigido para um universo. Se Sátiro Bilhar e Nazareth foram poderosas fontes para Villa-Lobos, Radamés viu em Pixinguinha (sobretudo o flautista) e Jacob do Bandolim dois exemplos preciosos. E esse filão ele o levou para seus concertos, explorando instrumentos utilizados quase que exclusivamente na área da música popular. Se Villa-Lobos dignificou o violão com seus estudos, prelúdios, no concerto e em infinitas peças mais, não há por que desconhecer os trabalhos de Radamés feitos para Edu da Gaita, Chiquinho do Acordeon e Jacob do Bandolim.

Seu processo criativo o direciona para muitas partes: do regente ao compositor, Radamés não conseguiu demolir o jovem gaúcho que foi tentar a sorte no Rio de Janeiro, depois de estudar com Guilherme Fontainha, e se viu um dia sob a batuta de Francisco Braga executando o **Concerto nº 1** de Tchaikovsky. Seu piano tem toda uma marca registrada.

Seu **Concerto para Quarteto de Cordas e Orquestra**, raramente citado em sua relação de obras, foi composto em 1964/65 e dedicado ao Quarteto da UFRJ.

Erosão

Erosão — Sorimao U Ipirungaua — foi composta em 1950 por Heitor Villa-Lobos e dedicada à Louisville Orchestra — USA. Trata-se de um poema sinfônico inspirado numa lenda amazônica recolhida por Barbosa Rodrigues e que, segundo o catálogo do Museu Villa-Lobos, é a seguinte:

“Há muito tempo a Lua enamorou-se do Sol, mas, se eles casassem, a Terra seria destruída. O ardente amor do Sol extinguiria o mundo e a Lua, com suas lágrimas, inundaria a Terra. Por essa razão eles não se casaram. A Lua extinguiria o fogo e o fogo evaporaria a água. Eles partiram. A Lua chorou dia e noite e suas lágrimas correram sobre a Terra até alcançarem o oceano. O mar tornou-se tempestuoso e assim a Lua foi incapaz de misturar suas lágrimas com o mar. As lágrimas da Lua deram origem ao Rio Amazonas”.

O **Adagio** que inicia a partitura, com os trêmulos das cordas e os leves detalhes do tímpano e das harpas, cria uma ambiência de mistério primitivo. É magistral o adensamento progressivo das sonoridades sinfônicas e o poder descritivo que assume essa música, de essência cósmica, de sugerir um mundo em gestação.

Há em tudo uma gravidade lenta, até que encontramos um **Poco animato** com o desenho em semicolcheias dos arcos. E entre os instrumentos da orquestra, tem ação relevante o piano, presente aliás desde o início, contribuindo para esse movimento ágil, que cede para a apresentação de um tema coral nos metais, por graus cromáticos descendentes. A parte final, **Quasi allegretto**, é graciosa, alérgica e aqui principalmente se destaca a riqueza de combinações rítmicas que toda a partitura ostenta.

Circus Polka

Curioso destino de uma obra. Igor Stravinsky compôs **Circus Polka** em 1942 para um ballet de elefantes do circo Barnum et Bailey. A peça figura entre as composições publicitárias do autor. Há muito de divertido em suas modulações, na estranheza da citação da **Marcha Militar** de Schubert. Tudo salienta o espírito lúdico de Stravinsky. A peça foi inicialmente concebida para uma orquestra de instrumentos de sopro e mais tarde levada à grande orquestra. Nessa última versão, teve sua estréia em 1944 pela Boston Symphony Orchestra.

Meeresstille und Glückliche Fahrt

Depois de esboçar seu poema sinfônico **As grutas de Fingal**, Mendelssohn deixa a Escócia e passa uma estação em Weimar, com o poeta Goethe, de quem toma emprestados dois poemas para uma Abertura orquestral intitulada **Meeresstille und Glückliche Fahrt**. Os mesmos poemas já haviam sido trabalhados por Beethoven numa bela peça sinfônico-coral com o mesmo título, opus 112, em 1815. A composição de Mendelssohn, cuja tradução pode ser “Mar calmo e Viagem feliz”, foi executada pela primeira vez em 1835, num concerto da Gewandhaus, em Leipzig.

Compõe-se de duas partes: 1ª — **Adagio**; 2ª — **Molto allegro vivace** e **Allegro maestoso**. O **Adagio** começa com uma frase nos contrabaixos, podendo ser considerada como o tema de toda a Abertura, dominando depois toda a orquestra. Harmonias cheias nas cordas, com um delicado acompanhamento dos instrumentos de sopro, indicam a calma do mar. A mudança é anunciada por uma figura nas flautas, permitindo o recomeço da viagem com um longo prelúdio que descreve os ruídos de bordo e a agitação do mar. Dois temas marcam esta parte: o primeiro é tocado pela flauta e os demais instrumentos de sopro, com acompanhamento **pizzicato** das cordas; o segundo tem o mesmo caráter geral e conduz a uma das mais belas melodias de Mendelssohn, destinada ao violoncelo. Há a elaboração costumeira e, na breve **coda**, o majestoso tratamento dado aos clarins sugere a chegada feliz dos viajantes e os cumprimentos que recebem.

SOLISTAS

Em abril de 1972, ao contratar quatro professores, escolhidos em diversos pontos do País, a Universidade de Brasília criava seu Quarteto de Cordas, dinamizando também os cursos de instrumento e de música de câmara. Os professores eram: Moysés Mandel, Valeska Hadelich, Johann G. Scheuermann e Antonio Guerra Vicente. A partir de 1973, o conjunto realiza concertos em quase todos os países da América Latina, Europa e as principais cidades brasileiras. Recebeu vários prêmios, entre os quais, o de melhor conjunto instrumental de 1973; representou o Brasil em numerosos eventos de âmbito internacional. Sua diretriz básica é estudar e executar música de todas as épocas, estilos e tendências, dando prioridade aos autores brasileiros, vários dos quais lhe têm confiado as primeiras audições de suas obras.

O REGENTE

Maestro Sergio Magnani

Nasceu em UDINE na ITÁLIA, onde formou-se em piano e composição. Seguiu depois os Cursos de Aperfeiçoamento na Academia de Santa Cecília em Roma com Alfredo Casella.

Oficial combatente na segunda guerra mundial, ingressou depois na Rádio Italiana dirigindo o Setor de Música Sinfônica e de Câmara.

Mudou-se para o Brasil em 1950 radicando-se em Belo Horizonte como Regente da Orquestra Sinfônica e Diretor Artístico da Sociedade Coral, com a qual realizou por muitos anos as Temporadas Líricas.

De 1964 a 1968 foi Regente Titular da Orquestra Sinfônica da Universidade da Bahia.

Atuou em todos os principais centros do País como Regente, Pianista e Conferencista.

É Escritor, Reconstructor de obras musicais do barroco mineiro, compositor.

Além da atividade de magistério na música, ocupou a cadeira de Literatura Italiana na Universidade Federal de Minas Gerais.

Doutor em Direito e em Letras pela Universidade de Roma, é cidadão Honorário de Belo Horizonte e Grande Medalha da Ordem da Inconfidência Mineira por méritos culturais.

Comentários de CLAVER FILHO

REGENTE TITULAR
MAESTRO EMÍLIO DE CÉSAR

SPALLAS

Moisés Mandel
Cecília Guida

Angela Guimarães D. Mendonça
Raimundo Nilton Amargal da Silva

CLARINETA

Luiz Gonzaga Carneiro
Manoel Carvalho de Oliveira

VIOLA

Henrique Muller
Glesse Maria Collet de Araujo Lima
Fernando de Macedo Vasques
Lenin Pereira Fiuza Lima
Dimitry Znamesky
Francisco de Sa Pestana
Umberto José Marques de Freitas

FAGOTE

Hary Schweizer
Edival Francisco Lopes

PRIMEIRO VIOLINO

Valeska Ursula Hadelich de Ferreira
Sérgio Henrique de Souza Coelho
Carlos Meirelles Osório
Adeirno Castro de Jesus
Glinaura Ramos de Macedo
Cláudia Cohen
Celson Henrique Sousa Gomes
Khatia Virgínia Pinheiro Pisco
Cesar Tomás de Almeida Vieira
Enio Santos

VIOLONCELO

Ben Hur Guimarães de Freitas
Armando Chaves Correa
Norma Lillian Nascimento Marques
José Henrique Vargas
Arnaldo Galina Junior
Sibely Joaquina Pereira Lima
Eterna Fernandes de Castro
Carlos Frutuoso Teixeira

TROMPA

Raimundo Martins
Bohumil Med
Vitor José de Castro

TROMPETA

Jadiel Lima de Carvalho
Hélio de Oliveira

TROMBONE

Sebastião Sobral Gouveia
Paulo Roberto da Silva
Cândido dos Santos Machado

SEGUNDO VIOLINO

Ludmilla Vinecka
Ricardo Wagner Benício de Abreu
Maréna Isdebsky Salles
Luiz Gonzaga de Faria
Ayrton Macedo Pisco
Antonio José Costa
Claudio Afano Cohen Bezerra
Paulo Cesar Vieira Xavier
Sérgio Righini
Denise Gomes de Ouro Fino
Fernando Ostrowsky

CONTRABAIXO

Antônio Botelho de Magalhães
Wilton Mesquita Junior

TUBA

Dimas José Ribeiro

FLAUTA

Nivaldo Francisco de Souza
Maria Elisabeth Ernst Dias
Norberto dos Santos Rocha

TIMPANO

Ney Gabriel Luzzi Rosauro

OBOÉ

Vaclav Vinecky
Sebastião Theodoro Gomes
Tarcízio de Oliveira Lima

PERCUSSÃO

José Roberto Farias Galvão
Roberto Magalhães Castro
Marco Salvador Salustiano Vid

PIANO

Neusa Pinho França de Almeida

APOIO TÉCNICO:

Secretária: Rosemar D. Mazzali
Arquivista: Sylvio Pereira Guida
Aux. de Arquivista: José Soares de Andrade
Ajud. de Cenb: Nêris Cavalcante
Colaborador de Cena: Lael C. de Castro

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

Orquestra do Teatro Nacional de Brasília

REGENTE TITULAR:
MAESTRO EMÍLIO DE CÉSAR

TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA
TEMPORADA 1984

GDF - UMA EQUIPE A SERVIÇO DA COMUNIDADE

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

Orquestra do Teatro Nacional de Brasília

REGENTE TITULAR:
MAESTRO EMÍLIO DE CÉSAR

TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA
TEMPORADA 1984

GDF — 1.ª EQUIPE A SERVIÇO DA COMUNIDADE

JOSÉ ORNELLAS DE SOUZA FILHO
Governador do Distrito Federal

EURIDES BRITO DA SILVA
Secretária de Educação e Cultura

CARLOS FERNANDO MATHIAS DE SOUZA
Diretor Executivo da Fundação Cultural do DF

Promoção:
FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

co-patrocinio:


BANCO DO BRASIL


**BANCO REGIONAL
DE BRASÍLIA S.A.**

ESCOLA DE MÚSICA DE BRASÍLIA FEDF
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Solicita-se, respeitosamente, ao público não fotografar e não transitar dentro da Sala de Espetáculo, durante as execuções.

PROGRAMA

L. VAN BEETHOVEN Coriolano, Abertura, op. 62
RADAMÉS GNATTALI Concerto para quarteto de cordas e orquestra

Allegro
Adagio — Intermezzo: allegretto ritmico
Vivo

Solo: QUARTETO DE CORDAS DA UnB

Moysés Mandel — violino
Valeska Hadelich — violino
J. Georg Scheuermann — viola
A. Guerra Vicente — violoncelo

Intervalo

HEITOR VILLA-LOBOS Erosão (Scrimao U Ipirungaua) — poema sinfônico
IGOR STRAVINSKY Circus Polka
F. MENDELSSOHN Meeresstille und Glückliche Fahrt, op. 27

Regente Convidado: SÉRGIO MAGNANI

Teatro Nacional de Brasília
Sala Martins Penna
Dia 22/ agosto/1984
21:00 horas

S OBRAS

Abertura Coriolano

Márcio Coriolano foi um herói lendário dos tempos da República Romana (1ª metade do séc. V a.C.), segundo a tradição, conquistou Corioli, mas opõe-se a que se distribuisse trigo à plebe esfomeada de Roma, pelo que teve de retirar-se para Antium. Depois, à frente do exército volscio, ameaça Roma em 491, mas retira-se do cerco a pedido de sua mãe Veturia e de sua mulher Volúmia, o que lhe causou a morte. Os historiadores modernos duvidam se ele foi o fundador ou o conquistador de Corioli, se romano ou volscio. A sua figura é típica desta fase das lutas de Roma com os Volscos e da oposição oferecida pelos patrícios à ascensão dos tribunos. Sobre este herói, e seguindo de perto a biografia por Plutarco, Shakespeare compôs uma das suas tragédias de uma romano, *Coriolanus*, em 5 atos, em prosa e verso; de resto, entre os séculos XVI e XIX, o tema foi explorado, quer no teatro dramático quer no lírico, mais de uma dúzia de vezes. Mas, além da obra-prima de Shakespeare, apenas se salvou do esquecimento a tragédia do austríaco H. J. von Collin (1804), por Beethoven, que em 1807, uma introdução orquestral, em dó menor, opus 62, cujos dois temas fundamentais representam o orgulho e a ambição em luta com os afetos familiares.

A abertura compõe-se de um único andamento sem introdução. Abre-se com as cordas, em uníssono, seguidas por um acorde subitamente atacado por toda a orquestra. Depois de uma dupla repetição e de mais dois acordes, o tema principal é anunciado, caracterizando a personalidade heróica de Coriolano e o espírito inilato de que era possuído. Dado pelos violinos e violas e, depois de um desenvolvimento relativamente curto, guiado por um bellissimo segundo tema, que descreve sentimentos mais ternos e suaves. Mais tarde aparece um terceiro tema que é uma fuga, nos violinos, acompanhada em arpa pelas violas e pelos violoncelos, cujo desenvolvimento encerra a primeira parte da Abertura. A segunda consiste na repetição da mesma matéria, acrescida de algumas variações. Seu desenvolvimento leva a uma **Coda** intensamente apaixonada e dramática que descreve a morte de Coriolano. Dificilmente haverá um mais impressionante desfecho do que o desta peça, com a sua argumentária alusão ao tema inicial, com sua gradativa agonia e, por fim, aquelas três notas suaves que são evidentemente as últimas pulsações do herói agonizante.

Concerto para quarteto de cordas e orquestra

Radamés Gnattali (Porto Alegre, 1906) considera-se um músico neo-clássico nacionalista. Essa autodefinição já bastaria para explicar a linha de seu trabalho, todo ele pontuado de um regionalismo que nunca se vendeu aos modismos impostos pela cultura estrangeira, a não ser uma natural tendência para o uso de elementos do jazz. Suas sinfonias e concertos falam dessa insubmissão. O tempo cristalizou um processo de criação muito peculiar de um compositor que se confessa incapaz de reescrever um compasso, já que suas idéias vêm monoliticamente acabadas. — "Eu disse à minha filha outro dia, que deve haver um gatilho que desencadeia essa coisa da música na minha cabeça, mas que eu ainda não descobri".

Também se deve mencionar que todo o seu talento foi beneficiado por uma passagem histórica pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde liderou uma equipe de grandes maestros e instrumentistas e captou, com sua audaciosa sensibilidade, todo um momento histórico que marcaria indelevelmente a própria essência da música brasileira, consubstanciada no período 1940/50. Sua aversão a rótulos não lhe permitiu aderir ao dodecatonismo — porque sua visão política da música lhe abriu um leque de opções bem maior. Resultou que Radamés acabou sendo mesmo um movimento e uma escola, sem disso se aperceber.

No trato das orquestrações que por ofício fazia em quantidades, percebeu que, à maneira do jazz, havia possibilidades na música brasileira até então inexploradas no campo em que atuava. O gênio de Villa-Lobos, que ele conheceu enfaticamente, estava dirigido para um universo. Se Sátiro Bilhar e Nazareth foram poderosas fontes para Villa-Lobos, Radamés viu em Pixinguinha (sobretudo o flautista) e Jacob do Bandolim dois exemplos próximos. E esse filio ele o levou para seus concertos, explorando instrumentos utilizados quase que exclusivamente na área da música popular. Se Villa-Lobos dignificou o violão com seus estudos, prelúdios, no concerto e em inúmeras peças mais, não há por que desconhecer os trabalhos de Radamés feitos para Edu da Gaita, Chiquinho e Acordeon e Jacob do Bandolim.

Seu processo criativo o direciona para muitas partes: do regente ao compositor, Radamés não cometeu o erro de demolir o jovem gaúcho que foi tentar a sorte no Rio de Janeiro, depois de estudar com Guilherme Fombroni e se viu um dia sob a batuta de Francisco Braga executando o *Concerto nº 1* de Tchaikovsky. Seu piano foi toda uma marca registrada.

Seu *Concerto para Quarteto de Cordas e Orquestra*, raramente citado em sua relação de obras, foi composto em 1964/65 e dedicado ao Quarteto da UFRJ.

Erosão

Erosão — Sorimaq U Ipirungaua — foi composta em 1950 por Heitor Villa-Lobos e dedicada à Louisa de Souza — Orchestra — USA. Trata-se de um poema sinfónico inspirado numa lenda amazônica recolhida por Barbosa de Brito e que, segundo o catálogo do Museu Villa-Lobos, é a seguinte:

"Há muito tempo, a Lua enamorou-se do Sol, mas, se eles casassem, a Terra seria destruída. O amor do Sol extinguiria o mundo e a Lua, com suas lágrimas, inundaria a Terra. Por essa razão eles não se casaram. A Lua extinguiu o fogo e o fogo evaporaria a água. Eles partiram. A Lua chorou dia e noite e suas lágrimas correram sobre a Terra até alcançarem o oceano. O mar tornou-se tempestuoso e assim a Lua foi incapaz de turbar suas lágrimas com o mar. As lágrimas da Lua deram origem ao Rio Amazonas".

O *Adagio* que inicia a partitura, com os trêmulos das cordas e os leves detalhes do timpano e das harpas, cria uma ambiência de mistério primitivo. É magistral o adensamento progressivo das sonoridades sinfónicas e o poder descritivo que assume essa música, de essência cósmica, de sugerir um mundo em gestação.

Há em tudo uma gravidade lenta, até que encontramos um *Poco animato* com o desenho em semicolón dos arcos. E entre os instrumentos da orquestra, tem ação relevante o piano, presente aliás desde o início, cobrindo para esse movimento ágil, que cede para a apresentação de um tema coral nos metais, por graus crescentes descendentes. A parte final, *Quasi allegretto*, é graciosa, alígera e aqui principalmente se destaca a riqueza das combinações rítmicas que toda a partitura ostenta.

Circus Polka

Curioso destino de uma obra. Igor Stravinsky compôs *Circus Polka* em 1942 para um ballet de elefantes do circo Barnum et Bailey. A peça figura entre as composições publicitárias do autor. Há muito de divertimento em suas modulações, na estranheza da citação da *Marcha Militar* de Schubert. Tudo salienta o espírito lúdico de Stravinsky. A peça foi inicialmente concebida para uma orquestra de instrumentos de sopro e mais tarde levada à grande orquestra. Nessa última versão, teve sua estréia em 1944 pela Boston Symphony Orchestra.

Meeresstille und Glückliche Fahrt

Depois de esboçar seu poema sinfónico *As grutas de Fingal*, Mendelssohn deixa a Escócia e passa um tempo em Weimar, com o poeta Goethe, de quem toma emprestados dois poemas para uma Abertura orquestral intitulada *Meeresstille und Glückliche Fahrt*. Os mesmos poemas já haviam sido trabalhados por Beethoven numa bela peça sinfónico-coral com o mesmo título, opus 112, em 1815. A composição de Mendelssohn, cuja tradução pode ser "Mar calmo e Viagem feliz", foi executada pela primeira vez em 1835, num concerto de wandhaus, em Leipzig.

Compõe-se de duas partes: 1ª — *Adagio*; 2ª — *Molto allegro vivace* e *Allegro maestoso*. O *Adagio* começa com uma frase nos contrabaixos, podendo ser considerada como o tema de toda a Abertura, dominando de fato toda a orquestra. Harmonias cheias nas cordas, com um delicado acompanhamento dos instrumentos de sopro indicam a calma do mar. A mudança é anunciada por uma figura nas flautas, permitindo o recomeço da viagem com um longo prelúdio que descreve os ruídos de bordo e a agitação do mar. Dois temas marcam esta parte: o primeiro é tocado pela flauta e os demais instrumentos de sopro, com acompanhamento *pizzicato* das cordas; o segundo tem o mesmo caráter geral e conduz a uma das mais belas melodias de Mendelssohn, destinada ao violoncelo. Há a elaboração costumeira e, na breve *coda*, o majestoso tratamento dado aos clarins sugere a chegada feliz dos viajantes e os cumprimentos que recebem.

OLISTAS

Em abril de 1972, ao contratar quatro professores, escolhidos em diversos pontos do País, a Universidade Brasileira criava seu Quarteto de Cordas, dinamizando também os cursos de instrumento e de música de câmara. Os professores eram: Moysés Mandel, Valeska Hadelich, Johann G. Scheuermann e Antonio Guerra Vicente. A partir de 1973, o conjunto realiza concertos em quase todos os países da América Latina, Europa e as principais cidades brasileiras. Recebeu vários prêmios, entre os quais, o de melhor conjunto instrumental de 1973; representou o Brasil em numerosos eventos de âmbito internacional. Sua diretriz básica é estudar e executar música de todas as épocas, estilos e tendências, dando prioridade aos autores brasileiros, vários dos quais lhe têm confiadas as primeiras audições de suas obras.

REGENTE

Maestro Sergio Magnani

Nasceu em UDINE, na ITÁLIA, onde formou-se em piano e composição. Seguiu depois os Cursos de Aperfeiçoamento na Academia de Santa Cecília em Roma com Alfredo Casella.

Oficial combatente na segunda guerra mundial, ingressou depois na Rádio Italiana dirigindo o Setor de Música Sinfônica e de Câmara.

Mudou-se para o Brasil em 1950 radicando-se em Belo Horizonte como Regente da Orquestra Sinfônica e Diretor Artístico da Sociedade Coral, com a qual realizou por muitos anos as Temporadas Líricas.

De 1964 a 1968 foi Regente Titular da Orquestra Sinfônica da Universidade da Bahia.

Atuou em todos os principais centros do País como Regente, Pianista e Conferencista.

É Escritor, Reconstructor de obras musicais do barroco mineiro, compositor.

Além da atividade de magistério na música, ocupou a cadeira de Literatura Italiana na Universidade Federal de Minas Gerais.

Doutor em Direito e em Letras pela Universidade de Roma, é cidadão Honorário de Belo Horizonte e possui a Medalha da Ordem da Inconfidência Mineira por méritos culturais.

Comentários de CLAVER FILHO

PRÓXIMOS CONCERTOS

15º ENCONTRO SINFÔNICO – 26/SETEMBRO/84 – 21 HORAS – SALA MARTINS PENNA

G. Peixe – Assimilações

F. Mendelssohn – Concerto para dois Pianos e Orquestra em Lá Bemol Maior

Solistas: JOEL BELLO SOARES – MARIA J. CARRASQUEIRA

F. Mendelssohn – Sinfonia Nº 5 em Ré Maior op. 107 "Reforma"

Regente: MAESTRO EMÍLIO DE CÉSAR

16º ENCONTRO SINFÔNICO – 03/OUTUBRO/84 – 21 HORAS

SALA MARTINS PENNA

L. Miguez – Parisina (Poema Sinfônico)

J. Haydn – Concerto em Ré para Violoncelo e Orquestra (HOB VII b:2)

Solista: ARTHUR NORAS

W. A. Mozart – Sinfonia Nº 35 em Ré Maior Kv 385 "Haffner"

Regente: MAESTRO ORLANDO LEITE

CONCERTO PARA A JUVENTUDE SÉRIE "A" – 16/SETEMBRO/84

20:00 HORAS – SALA VILLA-LOBOS

O Guarani

de A. Carlos Gomes

Direção Musical: MAESTRO LEVINO FERREIRA DE ALCÂNTARA

Direção de Cena: FRANCISCO FRIAS

Cenários e Figurinos: FRANCISCO FRIAS

Diretor do Coro: JOCELEI BOHERE

Realização: ESCOLA DE MÚSICA DE BRASÍLIA

Co-patrocinio: FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

CONCERTOS PARA A JUVENTUDE SÉRIE "B" – 18:30 HORAS

W. A. MOZART – COSÌ FAN TUTTÈ

25/AGOSTO/84 – PLANALTIMA

01/SETEMBRO/84 – BRAZILÂNDIA

Regente: MAESTRO EMÍLIO DE CÉSAR

**REGENTE TITULAR
MAESTRO EMÍLIO DE CÉSAR**

SPALLAS

Moisés Mandel
Cecília Guida

Angela Guimarães D. Mendonça
Raimundo Nilton Amaral da Silva

CLARINETA

Luiz Gonzaga Carneiro
Manoel Carvalho de Oliveira

VIOLA

Henrique Muller
Glesse Maria Collet de Araújo Lima
Fernando de Macedo Vasques
Lenin Pereira Fiuza Lima
Dimitry Znamesnky
Francisco de Sá Pestana
Umberto José Marques de Freitas

FAGOTE

Hary Schweizer
Edival Francisco Lopes

PRIMEIRO VIOLINO

Valeska Ursula Hadelich de Ferreira
Sérgio Henrique de Souza Coelho
Carlos Meirêlles Osório
Adelmo Castro de Jesus
Clinaura Ramos de Macedo
Cláudia Cohen
Celson Henrique Sousa Gomes
Khatia Virgínia Pinheiro Pisco
Cesar Tomás de Almeida Vieira
Enio Santos

VIOLONCELO

Ben Húr Guimarães de Freitas
Armando Chaves Correa
Norma Lillian Nascimento Marques
José Henrique Vargas
Arnaldo Galina Junior
Sibely Joaquina Pereira Lima
Eterna Fernandes de Castro
Carlos Frutuoso Teixeira

TROMPA

Raimundo Martins
Bohumil Med.
Vitor José de Castro

SEGUNDO VIOLINO

Ludmilla Vinecka
Ricardo Wagner Benício de Abreu
Marena Isdebsky Salles
Luiz Gonzaga de Faria
Ayrton Macedo Pisco
Antonio José Costa
Claudio Alano Cohen Bezerra
Paulo Cesar Vieira Xavier
Sergio Righini
Denise Gomes de Ouro Fino
Fernando Ostrowsky

CONTRABAIXO

Antônio Botelho de Magalhães
Wilton Mesquita Junior

TROMPETA

Jadiel Lima de Garvalho
Hélio de Oliveira

TROMBONE

Sebastião Sobral Gouvêa
Paulo Roberto da Silva
Cândido dos Santos Macha

FLAUTA

Nivaldo Francisco de Souza
Maria Elisabeth Ernst Dias
Norberto dos Santos Rocha

TUBA

Dimas José Ribeiro

TÍMPANO

Ney Gabriel Luzzi Rosaur

OBOÉ

Vaclav Vinecky
Sebastião Theodoro Gomes
Tarcízio de Oliveira Lima

PERCUSSÃO

José Roberto Farias Galvão
Roberto Magalhães Castro
Marco Salvador Salustiano

PIANO

Neusa Pinho França de Alr

APOIO TÉCNICO:

Secretária: Rosemar D. Mazzali
Arquivista: Sylvio Pereira Guida
Aux. de Arquivista: José Soares de Andrade
Ajud. de Cena: Néris Cavalcante
Colaborador de Cena: Lael C. de Castro